



DIVERSIDADE E HOMOFOBIA: COMO ABORDAR O TEMA NO ENSINO MÉDIO

DIVERSIDAD Y HOMOFOBIA: CÓMO ABORDAR EL TEMA EN LA ESCUELA SECUNDARIA

DIVERSITY AND HOMOPHOBIA: HOW TO APPROACH THE TOPIC IN HIGH SCHOOL

Bruna Bauer de VARGAS¹
Ana Paula Santos SILVA²
Tiago Eurico de LACERDA³

RESUMO

A escola certamente é um dos ambientes mais diversos da sociedade, no entanto a busca pela aceitação da diversidade e pelo respeito ao próximo ainda é um problema a ser constantemente trabalhado pelos educadores, fazendo parte do papel da escola como formadora de indivíduos amplamente saudáveis. Trabalhar ética e moral nas escolas é o caminho para instigar os estudantes a refletir sobre suas condutas com relação aos demais, questionando sobre a moral e valores previamente estabelecidos, discutindo questões como comportamento, respeito, aceitação e inclusão da diversidade. É a ética que nos permite buscar critérios para definirmos o que é ser bom, correto

¹ Mestra em Tecnologia Ambiental; UFPel/Brasil. E-mail: bruna_bauerv@hotmail.com / Rua Assis Brasil, 110, Cachoeira do Sul – RS.

² Graduada em Artes Visuais; UFPel/Brasil. E-mail: ana.paula.pssa@gmail.com

³ Doutor em Filosofia; Professor do Departamento de Educação da UEL. Londrina-PR/Brasil. E-mail: tel.filosofia@gmail.com

ou moralmente certo. O estudo da ética auxilia a problematizar as ações e buscar a reflexão. Assim, nos fornece um norte: alcançar uma conduta a partir de um bom senso. Este artigo, através de um estudo exploratório bibliográfico apresenta uma proposta de abordagem dos temas diversidade e homofobia através do uso das metodologias Rotação por Estações e Aprendizagem Baseada em Projetos. Nelas, o estudante deixa de ser passivo e passa a ser o principal ator do seu processo de ensino-aprendizagem. Com base no estudo da Ética, da Moral e da Pluralidade, sugerimos executar o processo através de 4 passos: Sensibilização, Problematização, Investigação e Conceitualização. Portanto, o artigo promove a busca do aluno como protagonista do debate e da desconstrução, e auxilia os professores a abordarem o assunto como tema transversal em suas aulas, exercendo assim a função social da escola frente as situações de preconceito, violência e evasão escolar. Como sugestão para trabalhos futuros, recomendamos aplicar o método e documentar os resultados.

Palavras-chave: Ética; Diversidade; Metodologia ativa; Ensino médio

RESUMEN

La escuela es ciertamente uno de los ambientes más diversos de la sociedad, sin embargo la búsqueda de la aceptación de la diversidad y el respeto por los demás sigue siendo un problema a ser trabajado constantemente por los educadores, como parte del rol de la escuela como formadora de individuos mayoritariamente sanos. Trabajar la ética y la moral en las escuelas es la forma de incitar a los estudiantes a reflexionar sobre su comportamiento hacia los demás, cuestionando la moral y los valores previamente establecidos, discutiendo temas como el comportamiento, el respeto, la aceptación y la inclusión de la diversidad. Es la ética la que nos permite buscar criterios para definir qué es ser bueno, correcto o moralmente correcto.

El estudio de la ética ayuda a problematizar las acciones y buscar la reflexión. Así, nos brinda una guía: llegar a una conducta basada en el sentido común. Este artículo, a través de un estudio bibliográfico exploratorio, presenta una propuesta para abordar los temas de diversidad y homofobia a través del uso de metodologías de Rotación por Estaciones y Aprendizaje Basado en Proyectos. En ellos, el alumno deja de ser pasivo y se convierte en el actor principal de su proceso de enseñanza-aprendizaje. Con base en el estudio de la Ética, la Moral y la Pluralidad, sugerimos realizar el proceso a través de 4 pasos: Sensibilización, Problematización, Investigación y Conceptualización. Por lo tanto, el artículo promueve la búsqueda del alumno como protagonista del debate y la deconstrucción, y ayuda a los docentes a abordar el tema como un tema transversal en sus clases, ejerciendo así la función social de la escuela frente a situaciones de prejuicio, violencia y deserción escolar. Como sugerencia para trabajos futuros, recomendamos aplicar el método y documentar los resultados.

Palabras clave: Principio moral; Diversidad; Metodología activa; Escuela secundaria

ABSTRACT

The school is certainly one of the most diverse environments in society, however the search for acceptance of diversity and respect for others is still a problem to be constantly worked on by educators, being part of the school's role as a trainer of largely healthy individuals. Working on ethics and morals in schools is the way to instigate students to reflect on their behavior towards others, questioning previously established morals and values, discussing issues such as behavior, respect, acceptance and inclusion of diversity. It is ethics that allows us to seek criteria to define what it is to be good, correct or morally right. The study of ethics helps to problematize actions and seek reflection. Thus, it provides us with a guide: to reach a conduct based on common

sense. This article, through an exploratory bibliographic study, presents a proposal to approach the themes of diversity and homophobia through the use of Rotation by Stations and Project-Based Learning methodologies. In them, the student is no longer passive and becomes the main actor in his teaching-learning process. Based on the study of Ethics, Morals and Plurality, we suggest carrying out the process through 4 steps: Sensitization, Problematization, Investigation and Conceptualization. Therefore, the article promotes the search for the student as the protagonist of the debate and deconstruction, and helps teachers to approach the subject as a transversal theme in their classes, thus exercising the social function of the school in the face of situations of prejudice, violence and school dropout. As a suggestion for future work, we recommend applying the method and documenting the results.

Keywords: Ethic; Diversity; Active methodology; High school

1. Introdução

A diversidade tem sido cada vez mais problematizada dentro das escolas, em contraponto, a dificuldade de convivência e aceitação das diferenças tem deixado de lado o papel inclusivo e humanizador da diversidade. A escola é um espaço de aprendizagens, de conhecimentos, de interações, mas, para muitas pessoas, ela tem se tornado local de recusa, de exclusão, de rejeição, de tristeza, porque nela muitas subjetividades são marginalizadas, reprimidas e ignoradas, tais como as homossexualidades, as bissexualidades, e principalmente, as travestilidades e as transexualidades⁴.

Desigualdades articuladas às diversidades atravessam o cotidiano das escolas: uma vez tendo conseguido entrar na escola, os(as) estudantes se veem às voltas com o desafio de sobreviver num cotidiano eivado de preconceitos que têm efeitos nefastos sobre seus desenvolvimentos, interferindo na qualidade das suas aprendizagens e, futuramente, na inclusão no mundo do trabalho, da política, da cultura. Na escola, tem-

⁴ LONGARAY, D. A. A importância da escola no combate ao preconceito. *Rev. Diversidade e Educação*, v.2, n.4, p. 14-19, jul./dez. 2014.

se reproduzido preconceitos étnico/raciais, de religião, de região/território, de gênero, de sexualidade etc. E é nas dobras da desconstrução desses preconceitos que devemos apostar⁵.

Em tempos de retrocessos históricos em torno dos direitos humanos, especificamente daqueles voltados às questões de gênero e sexualidade, nos parece importante resistir para que sejam criadas condições de (re)existir; criar dobras; abrir novas fendas e outros caminhos. Em outros termos, apostamos na potencialidade de se fazer (micro)política no ambiente educacional, exercitando coletivamente, por entre polifonia de vozes diversas, o direito à educação (e não só a escolar) como um direito de todos(as), de cada grupo e de cada um(a)⁶.

Longaray⁷ nos instiga a pensar: qual a função social da escola frente as situações de preconceito e violência? Nós professores(as) estamos preparados(as) para lidar com tais situações? O que fazer diante disso?

Atualmente, o papel da escola vai muito além de ensinar Matemática, Português, Ciências, História e Geografia. A escola é uma das grandes responsáveis pela formação do cidadão, preparando o educando para interagir na sociedade, de maneira ética e responsável. Para aprimorar a formação cidadã foram inseridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) os Temas Transversais, tornando obrigatória a sua inclusão no currículo escolar, de forma transversal⁸.

Os temas transversais devem ganhar destaque no currículo e ser levados a sério. Não basta que o(a) professor(a), no contexto de sua área ou disciplina, toque em questões eleitas como socialmente relevantes, seja o meio ambiente, a diversidade cultural ou a sexualidade; é preciso, na verdade, que todo o currículo esteja organizado em torno dessas questões. Para dizer de outra maneira, não é suficiente que os temas transversais sejam um apêndice das áreas e das disciplinas curriculares; ao contrário,

⁵ VASCONCELOS, M. de F. F. de; FÉLIX, J. Gênero, sexualidade e direitos humanos na educação escolar: entre igualdades e diversidades, a diferença. *In.: Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 255-272, Jan.(a)br. 2016.

⁶ CANDAU, V. Educação em direitos humanos: desafios atuais. *In.: SILVEIRA, Rosa Maria (org.). Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2012. p. 399-412.

⁷ LONGARAY, D. A. A importância da escola no combate ao preconceito. *Rev. Diversidade e Educação*, v.2, n.4, p. 14-19, jul./dez. 2014.

⁸ CILIATO, F.; SARTORI, J. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. *In.: Revista Monografias Ambientais*, 14, 65-78. 2015

eles devem passar a ser o eixo em torno do qual as disciplinas e as áreas se organizem, ressignificando as próprias disciplinas⁹.

Ao todo, temos, dentro dos PCNs, sete tópicos elencados como temas transversais, sendo que cinco deles – meio ambiente, saúde, ética, pluralidade cultural e orientação sexual – são comuns tanto para os anos iniciais quanto para os anos finais do Ensino Fundamental. No grupo destinado aos anos finais também são indicados: trabalho e consumo; para os anos iniciais, ainda, estão indicados os temas locais. O objetivo da inclusão desses temas aos PCNs é o de formar um(a) cidadão(ã) que tenha uma visão acerca de conceitos e valores fundamentais para uma boa (con)vivência em sociedade, de maneira ética e democrática¹⁰.

O estudo da Ética é necessário no ambiente escolar, pois, ele auxilia a comunidade a entender, problematizar e respeitar as particularidades de cada indivíduo. Vacilotto¹¹ aponta que a ética é uma das questões fundamentais da sociedade no momento atual. Discutir a dimensão e gênese da Ética na sociedade e na Educação torna-se um dos mais urgentes desafios da escola brasileira.

O objetivo da pesquisa é propor um método de abordagem dos temas “diversidade e homofobia” com alunos(as) do Ensino Médio a partir do estudo da Ética, da Moral e da Pluralidade através da Metodologia Ativa Baseada em Projetos. O tipo de pesquisa utilizado para elaboração do artigo foi pesquisa exploratória bibliográfica.

2. Ética e Moralidade

Para uma reflexão contextualizada com nossa proposta humanizadora e ética precisamos levar em consideração a moral e a cultura da sociedade em que vivemos para entender como o problema é tratado e como podemos pensar estratégias para discutir dentro das escolas a questão do comportamento, respeito, aceitação e

⁹ GALLO, Sílvio. Transversalidade e Meio Ambiente: Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente – Programa Conheça a Educação do Cíber/Inep – MEC/SEF/COEA, 2001.

¹⁰ CILIATO, F.; SARTORI, J. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. In.: *Revista Monografias Ambientais*, 14, 65-78. 2015.

¹¹ VACILOTTO, A. C. V. A Ética e o Ensino da Ética na Educação Superior: concepções dominantes, matrizes curriculares hegemônicas e contradições teórico-práticas. *Revista De Educação Da Unina*, 1(1). 2020

inclusão da diversidade. Segundo Cabanas¹², a questão central da ética é a de responder à pergunta: o que nos obriga a sermos bons? Ou seja, é a ética que nos permite buscar critérios para definirmos o que é ser bom, correto ou moralmente certo e que nos fornece explicações para nosso senso de dever moral¹³. Assim, a ética nos fornece um norte: alcançar uma conduta a partir de um bom senso. Esse bom senso é o que nos leva a sermos considerados bons no sentido utilitário da palavra e não necessariamente que tenha alguma conduta boa em si mesma.

A essa questão – o que me obriga a ser bom –, pode ser dada respostas diferentes, ancoradas em diversas posições filosóficas ou ideológicas; e é quando a respondemos que encontramos valores morais¹⁴. A própria Filosofia trabalha a Ética de maneira diversa e pluralista. Existe uma matricial definição platônica, uma referencial definição aristotélica e uma trajetória histórica de debates e proposições amplas, diversas e muitas vezes contrapostas¹⁵.

Podemos distinguir, portanto três dimensões distintas do que entendemos usualmente por ética. Em primeiro lugar temos o que pode ser considerado o sentido básico ou descritivo de ética, bastante próximo da acepção originária de *ethos*, que designa o conjunto de costumes, hábitos e práticas de um povo. Todos os povos têm assim a sua ética, ou o seu *ethos*; isto é, os costumes e práticas que definem, ainda que muitas vezes de modo implícito e informal, a maneira correta ou adequada de comportamento naquela sociedade. Temos em seguida a ética como sistema em um sentido prescritivo ou normativo; isto é, como um conjunto de preceitos que estabelecem e justificam valores e deveres, tais como as éticas cristã ou estoica, até os mais específicos, como o código de ética de uma categoria profissional, do qual talvez o mais famoso e tradicional seja o da prática da medicina. Em terceiro lugar temos o sentido reflexivo ou filosófico, que diz respeito às teorias ou concepções filosóficas da ética, como a ética da responsabilidade, a ética dos princípios, o utilitarismo e outras, visando examinar e discutir a natureza e os fundamentos dos sistemas e das práticas, analisando os conceitos e valores que lhes pretendem dar fundamento¹⁶.

¹² CABANAS, J. M. Q. Educación moral y valores. In.: *Revista de Ciencias de la Educación*, n. 166, abr-jun. 1996.

¹³ MENIN, M. S. De S. Universidade do Estado de São Paulo – Presidente Prudente. In.: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002

¹⁴ MENIN, M. S. De S. Universidade do Estado de São Paulo – Presidente Prudente. In.: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002

¹⁵ VACILOTTO, A. C. V. A Ética e o Ensino da Ética na Educação Superior: concepções dominantes, matrizes curriculares hegemônicas e contradições teórico-práticas. *Revista De Educação Da Unina*, 1(1). 2020.

¹⁶ MARCONDES, D. *Textos Básicos de Ética: De Platão à Foucault*. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 143 p. 2007.

O problema do ensino da Ética nasce, fundamentalmente, da ausência dos conteúdos filosóficos na formação básica da educação e da escola brasileira. A maioria dos profissionais ficou refém de uma formação tecnicista, própria da educação básica das políticas públicas de oferta social e de formação de professores da realidade brasileira recente, nos quais a Filosofia foi brutalmente retirada dos currículos, de modo que, sobre a Ética, apresenta-se uma lacuna de formação, uma vez que não é possível estudar a Ética sem a fundamentação filosófica¹⁷.

Por outro lado, a moral é a forma com que se organizam, com que se engendram os costumes, as práticas cotidianas, os modos de viver e conviver. A moral é sempre prática, real, histórica, presente nos costumes, nas condutas reconhecidas na sociedade. Já a Ética teria uma dimensão mais complexa, seria a construção de um sentido, de uma significação para a vida, subjetiva e coletiva, tomada neste sentido desde Aristóteles¹⁸. Aqui contrapomos as regras que nos orientam com as nossas próprias condutas práticas. Nosso intuito é alcançar em âmbito cultural a mesma coerência que conseguimos ter no âmbito reflexivo, ou seja, precisamos sair da teoria e ir ao encontro da prática do bem, que no caso nos referimos à educação inclusiva a partir da diversidade.

Piaget¹⁹ argumenta que na moral os meios usados no ensino são tão fundamentais quanto os fins. Se quisermos educar para a autonomia (a adoção consciente e consentida de valores) não é possível obtê-la por coação; ou seja, se quisermos formar alunos como pessoas capazes de refletir sobre os valores existentes, capazes de fazer opções por valores que tornem a vida social mais justa e feliz para a maioria das pessoas, capazes de serem críticos em relação aos contravalores, então é preciso que a escola crie situações em que essas escolhas, reflexões e críticas sejam solicitadas e possíveis de serem realizadas²⁰. O caminho é uma educação para a autonomia, todavia no sentido em que Freire preconizava em suas obras, uma

¹⁷ VACILOTTO, A. C. V. A Ética e o Ensino da Ética na Educação Superior: concepções dominantes, matrizes curriculares hegemônicas e contradições teórico-práticas. *Revista De Educação Da Unina*, 1(1). 2020

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ PIAGET, J. Os procedimentos de educação moral. In.: MACEDO, L. (Org.) *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996

²⁰ MENIN, M. S. De S. Universidade do Estado de São Paulo – Presidente Prudente. In.: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002

autonomia para a construção de alguém que lute por mudanças sociais com responsabilidade.

Por isto para Freire a autonomia se insere dentro de uma posição de luta no qual o sujeito ao assumir a sua presença no mundo, assume também a sua responsabilidade ética, histórica, política e social, distanciando de um mero objeto condicionado, para ser protagonista e sujeito da História e da sua presença nela²¹.

Ser protagonista da própria história é reconhecer-se inserido no mundo em comunidade. Nossa ética se assume para o mundo enquanto somos cômicos(as) de que não podemos pensar uma vida boa somente para nós, mas a vida boa, melhor deve ser pensada para a coletividade. Segundo o pensamento de Cabanas²², para algumas posições filosóficas, os valores são os critérios últimos de definição de metas ou fins para as ações humanas e não necessitam de explicações maiores além deles mesmos para assim existirem. Ou seja, devemos ser bons porque a bondade é um valor, honestos porque a honestidade é um valor, e assim por diante com outros valores como a solidariedade, a tolerância, a piedade, que têm um caráter natural, universal e obrigatório em nossa existência. Para outras posições, os valores são determinados por culturas particulares e em função de certos momentos históricos, variando, portanto, de acordo com cada sociedade e período de sua existência²³.

Trabalhar ética e moral nas escolas é o caminho para instigar os estudantes a refletir sobre suas condutas com relação aos demais, questionando sobre a moral e valores previamente estabelecidos. É também o momento oportuno de aproveitar a etapa formativa dos(as) estudantes e inserir através de debates éticos o senso de responsabilidade e respeito pelas diferenças inseridas no mundo escolar e em toda a sociedade.

²¹ VIANA JUNIOR, João da Conceição; LACERDA, Tiago Eurico de; TEDESCO, Anderson Luiz. A autonomia em Paulo Freire como perspectiva de uma educação humanizada. In.: *Paulo Freire 100 anos: o centenário de um pensamento intempestivo*. Curitiba-PR: Bagai, 2020

²² CABANAS, J. M. Q. Educación moral y valores. In.: *Revista de Ciencias de la Educación*, n. 166, abr-jun. 1996

²³ MENIN, M. S. De S. Universidade do Estado de São Paulo – Presidente Prudente. In.: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002

3. Pluralidade, Diversidade e Direitos Humanos

É na escola que o sujeito pode melhorar sua visão acerca das problemáticas como, por exemplo, a homofobia, a xenofobia, a sexualidade, a saúde, os problemas ambientais, o consumismo, o trabalho, etc. O espaço escolar é o espaço da possibilidade de pensar diferente, de contrastar teorias, esse é o papel da pluralidade. Pois pensamos diferente e todos possuem o direito de se expressarem de forma plural. Pensando nisso e em demais caminhos para a formação de um aluno crítico foi introduzido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) um conjunto de Temas Transversais, que buscam “[...] uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política”²⁴.

É imprescindível que a comunidade escolar perceba o quanto a pluralidade cultural é rica, o quanto os aspectos relacionados à diversidade colaboram para a formação de um cidadão conhecedor de suas raízes, que reivindique seus direitos e cumpra seus deveres, que desenvolva princípios e valores morais próprios de um bom cidadão²⁵. Com base nos conceitos de pluralidade e diversidade, assim como no respeito às diferenças, o aluno deve refletir e entender que o outro não sou eu, então ele tem direito ao pensamento próprio, à sua cultura, ao seu modo de ser, desde que esse modo de ser não fira os direitos dos demais. Sendo assim, todos podem coexistir dentro da sociedade sem a necessidade de querer anular um ao outro constantemente. O princípio da cidadania universal cego às diferenças, estabelece que todos os seres humanos são igualmente dignos de respeito, e com isso reforça a semelhança entre eles. Segundo Ikawa²⁶ “o ser humano pode ser conceituado com base em uma série de combinações relativas à sua igualdade e à sua diferença”. Isso é o que garante a possibilidade de liberdade de escolha, pois somente teremos liberdade se dermos oportunidade ao reconhecimento da diferença. Essa diferença

²⁴ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental - Os Temas Transversais*. Brasília, DF, 1998

²⁵ CILIATO, F.; SARTORI, J. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. *In.: Revista Monografias Ambientais*, 14, 65-78. 2015

²⁶ IKAWA, Daniela. Direito e ações afirmativas: princípio da dignidade e concepção de ser humano. *In.: JUBILUT, Liliانا; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de (Coords.). Direito à diferença: aspectos institucionais e instrumentais de proteção às minorias e aos grupos vulneráveis*. São Paulo: Saraiva, 2013

pode ser traduzida pela pluralidade existente em nossa sociedade e dentro das escolas. Diante de tais diferenças é preciso garantir o reconhecimento da autenticidade que cada indivíduo possui e que lhe garante diante dos demais um tratamento isonômico.

Desse modo, não podemos permitir que extremas diferenças culturais de alguns grupos sejam postas entre parênteses, distorcendo-as e forçando-os a se conformar a uma cultura dominante, atribuindo-lhes uma cidadania de segunda classe, ou uma 'cidadania da sujeição'²⁷. Dessa forma, entendemos que um dos desafios de nossos tempos para os direitos humanos parece se situar em habitar a relação entre desigualdades e diversidades^{28 29}. A sociedade eivada de preconceitos espelha nas escolas uma ideia aversa ao pluralismo e diversidade fazendo que muitos(as) não se sintam confortáveis para ser quem são. Segundo Charles Taylor "cada um tem o direito de desenvolver a sua própria forma de vida, fundada sobre a sua percepção daquilo que é realmente importante ou tem valor. As pessoas são chamadas a serem fiéis a si mesmas, a buscar a própria autorrealização³⁰. Ou seja, cada um(a) busca de certa forma sua autenticidade no mundo e encontra barreiras nos preconceitos de uma sociedade capaz de sequestrar a subjetividade de alguns em nome de uma honra que é construída sob a dominação de uma ideologia apenas, anulando as demais.

A essa altura, nos cabe valorizar cada vez mais no âmbito escolar a diversidade, pois, apreendida em sua dimensão cultural, a diversidade é associada aos novos movimentos sociais, especialmente os de cunho identitário, articulando-se em torno da defesa das chamadas "políticas de diferença"³¹. Como direito à diferença, a diversidade articula-se à exigência de reconhecimento na esfera pública e política de

²⁷ CARVALHO, S. R. Reflexões sobre o tema da cidadania e a produção de subjetividade no SUS. In.: CARVALHO, Sergio Resende; BARROS, Maria Elizabeth e FERIGATO, Sabrina (Org.). *Conexões: saúde coletiva e políticas da subjetividade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009, pp. 23-41

²⁸ MOEHLECKE, S. As políticas de diversidade na educação no governo Lula. In.: *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 39, p. 461-487, 2009

²⁹ CANDAU, V. Educação em direitos humanos: desafios atuais. In.: SILVEIRA, Rosa Maria (org.). *Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2012. p. 399-412

³⁰ TAYLOR, Ch. *The Ethic of Authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 1992

³¹ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&Z, 2003

grupos socioculturais definidos como ‘minoritários’³². Já que “todos nascemos livres e iguais em dignidade e direito” conforme ressalta o art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, não podemos fazer nenhuma distinção de qualquer espécie, nem de raça, cor, sexo, língua, opinião política, religião etc. A diversidade abarca todas essas diferenças que a lei prescreve como sagradas diante da individualidade de cada pessoa.

No Brasil, particularmente, no campo da Educação, os direitos humanos vêm ocupando, atualmente, um espaço de destaque nas mais diferentes arenas políticas. Nesse terreno, dá-se uma disputa por quais conhecimentos são válidos para serem ensinados nas escolas. Um exemplo atual dessa disputa, que se deu e se dá em nome dos direitos humanos, foi a retirada das questões de gênero e sexualidade do documento final do Plano Nacional de Educação 2014-2024³³, após pressão das bancadas mais conservadoras do Congresso Nacional. Este texto almeja justamente refletir como a discussão sobre gênero e sexualidade integram e compõem disputas em torno dos chamados Direitos Humanos, reflexão para nós indispensável quando o que se pretende é promover humanidade no âmbito da (ou de uma) educação³⁴. E se a escola não for o espaço para a valorização dessas diferenças, na sociedade o debate se torna mais desafiador ainda, por isso precisamos de uma educação que acompanhe a evolução social e reflita, sem imposição o retrato real da sociedade com todas as suas peculiaridades.

Quando levantamos a bandeira do direito à educação escolar temos a boa utopia (aquela que nos força o pensamento e que nos impulsiona a promover mudanças e que não nos deixa desacreditar e imobilizar), além da superação das desigualdades e respeito às diversidades, o que se quer é afirmar diferenças: educação para todos(as), para cada grupo social/cultural e para cada um(a) de nós, com nossas singularidades e singularizações, estas últimas entendidas como “a diferença que

³² VASCONCELOS, M. de F. F. de; FÉLIX, J. Gênero, sexualidade e direitos humanos na educação escolar: entre igualdades e diversidades, a diferença. In.: *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 255-272, Jan.(a)br. 2016

³³ BRASIL. Ministério da Educação. *LEI Nº 13.005/2014 - Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências*. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>>. Acesso em 24 jul. 2021

³⁴ VASCONCELOS, M. de F. F. de; FÉLIX, J. Gênero, sexualidade e direitos humanos na educação escolar: entre igualdades e diversidades, a diferença. In.: *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 255-272, Jan.(a)br. 2016

resulta em nós e que desfaz os nós, abrindo-nos para outros modos de ser e de estar no mundo, bifurcando essa busca pelo homogêneo”³⁵ que ainda tende a pautar os resultados das lutas pelos direitos humanos, mesmo que agora, em nome da diversidade³⁶.

4. Homofobia, uma Problematização

Quando as figuras estabelecidas são tomadas como identidades e seu abalo [...] interpretado como ameaça de desagregação, para manter-se no mesmo lugar, é-se capaz de fazer qualquer coisa, inclusive matar³⁷, basta pensarmos no que se tem feito em nome de identidades nacionais, religiosas, étnicas e raciais, mas também sexuais, de gênero, de sexualidade, em nome, enfim, da segurança da população identificada como cidadã de bem³⁸. Quando fortalecemos uma identidade apenas, a diversidade passa a ser ameaçadora de sua existência. E o medo de perder espaço traz consigo a violência em todas as suas esferas.

A palavra “queer” é interpelação pejorativa utilizada em países de língua inglesa, demarcando diferença, assinalando os desviantes da norma heterossexual. Traduzido para o português, queer significa “bizarro”, “estranho”, “veado”, “bicha”, “sapatão”, dentre outros. O termo, “com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais [nos EUA] precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação”³⁹ às heteronormas. O sentido injurioso do queer foi estrategicamente adotado para denunciar as experiências da abjeção sofridas pelos grupos que integravam as chamadas minorias

³⁵ MEYER, D. E. E.; FÉLIX, J.; VASCONCELOS, M. F. F. Por uma educação que se movimente como maré e inunde os cotidianos de serviços de saúde. In.: *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, vol. 17, núm. 47, out-dez, 2013, p. 859-871

³⁶ VASCONCELOS, M. de F. F. de; FÉLIX, J. Gênero, sexualidade e direitos humanos na educação escolar: entre igualdades e diversidades, a diferença. In.: *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 255-272, Jan.(a)br. 2016

³⁷ ROLNIK, S. Tristes gêneros. In: D. LINS (org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998. p. 63-68

³⁸ VASCONCELOS, M. de F. F. de; FÉLIX, J. Gênero, sexualidade e direitos humanos na educação escolar: entre igualdades e diversidades, a diferença. In.: *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 255-272, Jan.(a)br. 2016

³⁹ LOURO, G. L. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. In.: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001

sexuais. Esses grupos passaram a ressignificar o termo pejorativo, transformando-o “numa forma orgulhosa de manifestar a diferença”⁴⁰.

Para a maioria dos(as) pessoas gays, travestis e transexuais, a escola é um ambiente caracterizado pela vigilância dos gêneros e pela heterossexualidade que, nesse contexto, assume a posição privilegiada⁴¹. No seio das políticas públicas, em particular as de Educação, funcionam distribuições de poder que tendem a reificar normas regulatórias de gênero. Compreendemos gênero como construção que organiza o social⁴².

Atualmente, a problemática do multiculturalismo está despertando interesse no meio educacional, haja vista as dificuldades em tolerar diferenças no espaço da sala de aula. À escola, dessa forma, compete problematizar e refletir sobre as atitudes de intolerância e de desrespeito ao outro⁴³.

Nesses tempos em que alunos(as) e professores(as) se perguntam o que estão fazendo ali, nos parece que a escola tem uma função fundamental nessa construção: educar para a cidadania, articulando afirmação das igualdades e das diversidades e o direito a diferir, enfrentando os desafios relacionados a tal afirmação, sendo que, é na escola que todos(as) constroem as primeiras redes de relações que passam a ser fundamentais nos seus processos de subjetivação^{44 45}.

Tendo em vista que, em moral, meios e fins estão em constante diálogo: não se ensina cooperação como um valor sem a prática da cooperação, não se ensina justiça, sem a reflexão sobre modos equilibrados de se resolverem conflitos; não se ensina

⁴⁰ PEREIRA, P. P. G. A teoria queer e a reinvenção do corpo. *In.: Cadernos Pagu*, Campinas, n. 27, p. 469-477, jul./dez. 2006

⁴¹ LONGARAY, D. A. A importância da escola no combate ao preconceito. *Rev. Diversidade e Educação*, v.2, n.4, p. 14-19, jul./dez. 2014

⁴² MEYER, D. E. E. Gênero e educação: teoria e política. *In.: LOURO*, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27

⁴³ CILIATO, F.; SARTORI, J. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. *In.: Revista Monografias Ambientais*, 14, 65-78. 2015

⁴⁴ VASCONCELOS, M. de F. F. de; FÉLIX, J. Gênero, sexualidade e direitos humanos na educação escolar: entre igualdades e diversidades, a diferença. *In.: Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 255-272, Jan.(a)br. 2016

⁴⁵ LONGARAY, D. A. A importância da escola no combate ao preconceito. *Rev. Diversidade e Educação*, v.2, n.4, p. 14-19, jul./dez. 2014

tolerância sem a prática do diálogo⁴⁶, vemos na escola o dever de exercitar a prática da reflexão, da desconstrução e do respeito. A escola precisa ser um espaço de acolhimento, de humanidade, de socialização, um espaço político para a discussão saudável sobre todas as identidades ali reunidas. Essas reflexões precisam tocar os gestores educacionais para que estejam preparados para a acolhida da diversidade, pois os(as) estudantes passarão, mas os(as) professores(as) continuarão ali na contínua luta pela formação, além de intelectual, cidadã, de todos(as) que passarem por lá. E esse momento não precisa ser doloroso, mas pode ser acolhedor. Por isso há novas formas de olhar para a educação e metodologias que podem auxiliar no diálogo em meio às diferenças.

4.1. Como trabalhar o tema Homofobia a partir de Metodologia Ativa Baseada em Projetos no Ensino Médio

As metodologias tradicionais relacionadas ao ensino, baseadas na exposição e no conteúdo, não são as formas mais adequadas para trabalhar em sala de aula com aluno de Ensino Médio. Novas metodologias de ensino permitem que os alunos participem ativamente do seu processo de ensino-aprendizagem⁴⁷. E dentre as metodologias atuais, encontra-se uma chamada Rotação por Estações que é uma modalidade ativa situada na zona híbrida de ensino. É ativa porque coloca o estudante no papel de protagonista no processo de aprendizagem⁴⁸.

A opção sustentada é inventar uma solução híbrida que dê aos educadores “o melhor dos dois mundos” — isto é, as vantagens do ensino online combinadas a todos os benefícios da sala de aula tradicional. A opção disruptiva é empregar o ensino online em novos modelos que se afastem da sala de aula tradicional, e foquem inicialmente nos não consumidores que valorizam a tecnologia pelo que ela é — mais adaptável, acessível e conveniente. Definir se algo é disruptivo ou sustentado é importante porque, no final, as disrupções quase sempre se tornam boas o suficiente para atender às necessidades dos clientes tradicionais, que as adotam encantados com as novas propostas de valor que elas oferecem. Em outras palavras, os

⁴⁶ MENIN, M. S. De S. Universidade do Estado de São Paulo – Presidente Prudente. *In.: Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002

⁴⁷ BOFF, D. Aprendizagem Baseada em Projetos para promover a interdisciplinaridade no Ensino Médio. *In.: Scientia cum Industria*, 3 (3), 148-151. 2015

⁴⁸ STEINERT, M. É. P.; HARDOIM, E. L. Rotação por Estações na escola pública: limites e possibilidades em uma aula de Biologia. *In.: Ensino em Foco*, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 11-24, abr. 2019. ISSN 2595-0479. Disponível em: <[https://publicacoes.ifba.edu.br/index.php/ensinoemfoco\(a\)rticle/view/548](https://publicacoes.ifba.edu.br/index.php/ensinoemfoco(a)rticle/view/548)>. Acesso em: 11 ago. 2021

modelos disruptivos quase sempre suplantam os modelos sustentados no longo prazo⁴⁹.

A aprendizagem baseada em projetos é uma estratégia de aprendizagem ativa que auxilia na quebra do paradigma dos métodos tradicionais de ensino. O estudante que está envolvido nessa proposta de ensino deixa de ser passivo e passa a ser o principal ator do seu processo de ensino-aprendizagem. Nessa estratégia de ensino, o professor passa a ser um articulador entre a teoria e a prática, propiciando a ambientes de aprendizagem naturalmente interdisciplinaridades, onde as diferentes áreas “conversam” entre si para desenvolver um tema comum⁵⁰. O espaço também se amplia com o advento da internet e tecnologias.

Os métodos habituais, mais tradicionais, privilegiam a difusão de conhecimento tendo os educadores como fonte primária, mas isso tinha mais sentido em um tempo em que o acesso à informação era mais limitado. Com o advento da Internet e a ampla promoção de muitos cursos e materiais abertos, percebemos que podemos aprender em absolutamente qualquer lugar, a qualquer hora do dia e com inúmeras pessoas de forma remota ou a distância⁵¹.

Diante desses novos paradigmas sugerimos o desenvolvimento de uma metodologia ativa baseada em projetos, sugerimos executá-la em 4 passos: Sensibilização, Problematização, Investigação e Conceitualização⁵².

4.1.1. Sensibilização

A Sensibilização é a colocação do problema através de um tema disparador. Esse tema disparador deve chamar a atenção dos(as) alunos(as) e ser compatível com suas vivências e realidades. Os(as) alunos(as) devem perceber o problema, de forma empírica, sem que o(a) professor(a) necessite dizer que o problema é importante. A

⁴⁹ CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B; STAKER, H. *Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva?* Uma introdução à teoria dos híbridos, 2013

⁵⁰ BOFF, D. Aprendizagem Baseada em Projetos para promover a interdisciplinaridade no Ensino Médio. *In.: Scientia cum Industria*, 3 (3), 148-151. 2015

⁵¹ LACERDA, Tiago Eurico de; GRECO JUNIOR, Raul. A importância das metodologias ativas para o Ensino de Filosofia durante a pandemia. *In.: Educação remota em tempos de pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação*. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021

⁵² BACICH, L. e MORAN, J. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018 e-PUB. Disponível em: <<https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2021

Sensibilização deve provocar empatia e fazer com que o tema afete os(as) estudantes emocionalmente.

Conforme defende Abreu⁵³, ao direcionarmos nosso olhar para a linguagem audiovisual, agora potencializada pela tecnologia digital, não é difícil de constatar a enorme capacidade de envolvimento emocional proporcionada por esta linguagem, portanto, para realizar a sensibilização, sugerimos a utilização de vídeos que podem ser facilmente encontrados na internet. Como, por exemplo, o curta metragem de animação “In a Heartbeat”, disponível através do link do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=il4Qi8swDe8>.

A partir do material disparador, sugerimos que os alunos observassem e percebessem que dele pode surgir uma pergunta, a partir dessa orientação à indagação caminhamos para próximo passo que é a Problematização.

4.1.2. Problematização

A problematização através do vídeo pode partir com a seguinte pergunta: “Um dos trechos mostra o coração do menino se partindo ao meio. De acordo com o contexto da história, por que isso acontece? (min 2:25)”. Possível resposta: “Porque os(as) demais alunos(as) olham com estranheza quando percebem que o coração de um menino está apaixonado por outro e os protagonistas se sentem intimidados, com vergonha disso”.

A partir daí, outros pontos devem ser discutidos, como por exemplo: O que é ser bom e o que nos obriga a sermos bons?; O que é pluralidade cultural?; O outro tem direito ao pensamento próprio; Prática do diálogo; Reflexão sobre a seguinte frase de Rolnik⁵⁴: “Quando as figuras estabelecidas são tomadas como identidades e seu abalo [...] interpretado como ameaça de desagregação, para manter-se no mesmo lugar, é-se capaz de fazer qualquer coisa, inclusive matar”; Reflexão sobre a seguinte frase de Boaventura de Souza Santos⁵⁵: “Temos o direito a ser iguais sempre que a

⁵³ ABREU, L. C. XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação. In.: *Anais... INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 2002*

⁵⁴ ROLNIK, S. Tristes gêneros. In: D. LINS (org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998. p. 63-68

⁵⁵ SANTOS, B. de S. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural*. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

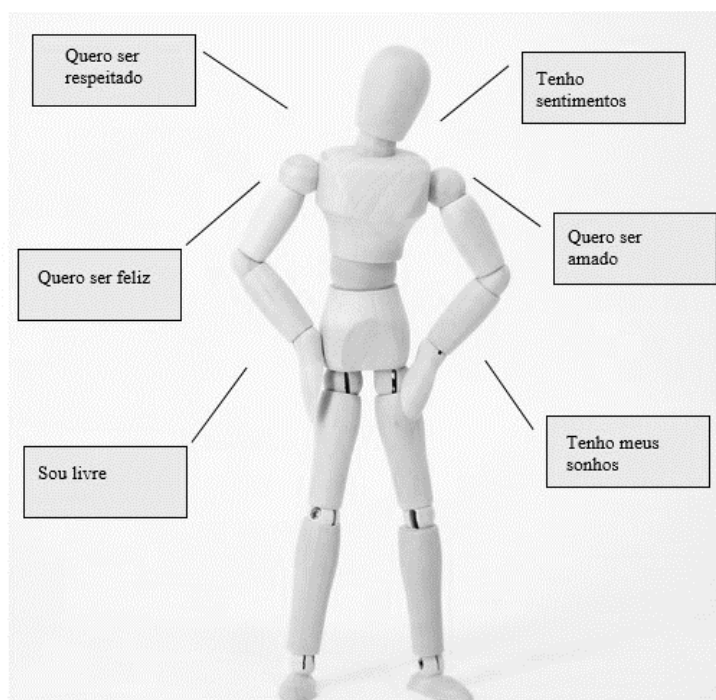
diferença nos inferioriza. Temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”; como podemos buscar uma resposta? Como questionar as regras? O debate deve emergir com a participação de todos, a partir de diferentes perspectivas e então deve-se começar o processo de desconstrução com relação às certezas. Os(as) alunos(as) devem se permitir passar pelo processo da dúvida.

A partir da problematização, deve-se buscar elementos para elaborar a solução do problema através da Investigação. Para iniciar nosso debate, será apresentado a imagem de um boneco articulado, para que os(as) estudantes tenham primeiramente a ideia de um ser humano e não uma classificação de gênero. Ao apresentar a figura faremos as seguintes observações para que os(as) estudantes se identifiquem com seus objetivos.

Após a analisar a imagem, os(as) estudantes devem ser questionados(as):

Por que quando algumas pessoas descobrem sua orientação sexual ou o gênero com o qual ele(a) se identifica mudam a forma de tratá-lo(a)?

Imagem 1 - Boneco articulado



Fonte: Loja de produtos criativos MilkShake – imagem de produto para venda, 2021.
(<https://www.lojamilkshake.com.br>)

Vivemos reféns de pensamentos, que muitas vezes nos impedem de refletir e de sentir de forma coerente. Tomamos por normas pensamentos pré-existentes sem ao menos questionar e analisar o seu verdadeiro sentido ou significado. Assim, construímos opiniões, conceitos e preconceitos, expondo-os de formas tão cruéis, ferindo as pessoas no ambiente escolar e na sociedade em geral.

Pensando em uma maneira de desconstruirmos essas ideias, nós professores(as), devemos trabalhar com nossos(as) estudantes a importância das emoções e sentimentos, que por não serem vistos ou tocados, podem ser menosprezados e incompreendidos. Essa incompreensão gera atitudes que machucam agudamente os(as) jovens, por isso, é preciso que os(as) estudantes sejam apresentados ao tema de forma com que consigam se sensibilizar, exercitando a empatia com relação a dor alheia, se colocar no lugar do(a) outro(a) diante de atitudes preconceituosas, refletir de forma intensa sobre os sentimentos e sofrimento que essas atitudes podem causar a curto e longo prazo na vida das pessoas, assim como a necessidade urgente de parar de rotular e classificar as pessoas e sim compreender que todos os seres humanos carregam sentimentos que precisam ser respeitados.

Os(as) estudantes devem ser questionados(as) por que é tão difícil abolir algumas formas de pensamento que limitam o ser humano a entender os(as) outros(as) como seres livres que têm o direito de viver suas vidas de forma que se sintam bem e felizes sem sentir vergonha ou culpa.

A orientação sexual, precisa ser vista como algo natural e não como algo feio e imoral. A escola precisa ser os braços que acolhem e uma voz que precisa ser ouvida, pois trabalha a formação cognitiva, moral, afetiva e forma pessoas para a sociedade.

4.1.3. Investigação

A Investigação também pode ser chamada de Investigação Filosófica. Para realizar essa pesquisa, sugere-se que os(as) estudantes leiam textos dos(as) pensadores(as) citados(as) abaixo, assim como relacionem o tema com os períodos da história. Na investigação podem ser levantadas informações sobre as principais correntes e quais delas estão alinhadas a qual conceito histórico. Dentre os(as) autores(as) a serem estudados(as), sugere-se: Platão: O Banquete. Nessa obra encontramos alguns textos sobre amor e amizade que podem nos auxiliar na temática abordada até agora, dentre os textos, podemos citar o mito do Andrógeno e também uma leitura sobre a relação de Alcibíades e Sócrates); Simone de Beauvoir: O segundo Sexo e outros

textos sobre desconstrução, feminismo e gênero); Michel Foucault e Judith Butler sobre sexualidade e identidade de gênero. Pode ser utilizado textos de artigos científicos, revistas em geral, o que for mais fácil para cada etapa formativa. A partir da Investigação, sugere-se a formulação de conceitos.

4.1.4. Conceitualização

O quarto e último passo sugerido, é o movimento filosófico propriamente dito e principal momento da atividade criativa. Ele se dá através da criação de novos conceitos. Na proposta aqui descrita, sugerimos executar essa etapa através de uma oficina, exercendo assim, a metodologia da aprendizagem baseada em projetos.

A oficina sugerida: Propor que os(as) estudantes respondam a um breve questionário: “Como você se sente quando é alvo ou percebe que alguém está sofrendo com homofobia?”.

Posteriormente, pedir para que coloquem as respostas em uma caixa lacrada. A seguir, o(a) professor(a) deverá digitar algumas respostas e imprimi-las. As respostas podem ser lidas na aula seguinte e a turma então deverá confeccionar cartazes anexando essas respostas. Esse cartaz poderá ser exposto em um local de convivência da escola. Essa tarefa tem o objetivo de sensibilizar tanto a turma, quanto os demais membros da comunidade escolar.

5. Considerações Finais

Abordar assuntos como diversidade e homofobia não é uma tarefa fácil em nenhuma esfera da sociedade, tampouco nas escolas. A escola é, possivelmente um dos ambientes mais plurais, visto que as crianças e adolescentes vêm de lares com crenças, costumes e leituras diferentes de diversos aspectos da vida e do outro, costumes esses, muitas vezes enraizados com afinco pelas famílias. Contudo, promover a boa convivência e propor o respeito entre indivíduos é dever do educador, independentemente de seus próprios conceitos morais. Por isso, a pesquisa promoveu um método de abordagem baseado no estudo da ética através de uma metodologia ativa que busca no aluno o protagonista do debate e da desconstrução, auxiliando os(as) professores(as) a abordarem o assunto como tema transversal em suas aulas. Como sugestão para trabalhos futuros, recomendamos aplicar o método e documentar os resultados.

Referências Bibliográficas:

ABREU, L. C. XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação. In.: **Anais... INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 2002.

BACICH, L. e MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018 e-PUB. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em 25 jul. 2021.

BOFF, D. Aprendizagem Baseada em Projetos para promover a interdisciplinaridade no Ensino Médio. In.: **Scientia cum Industria**, 3 (3), 148-151. 2015.

Boneco articulado. Disponível em: <https://www.lojamilkshake.com.br/produtos/boneco-articulado-de-madeira-20-cm/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental - Os Temas Transversais**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **LEI N° 13.005/2014** - Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em 24 jul. 2021.

CABANAS, J. M. Q. Educación moral y valores. In.: **Revista de Ciencias de la Educación**, n. 166, abr-jun. 1996.

CANDAU, V. Educação em direitos humanos: desafios atuais. In.: SILVEIRA, Rosa Maria (org.). **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2012. p. 399-412.

CARVALHO, S. R. Reflexões sobre o tema da cidadania e a produção de subjetividade no SUS. In.: CARVALHO, Sergio Resende; BARROS, Maria Elizabeth e FERIGATO, Sabrina (Org.). **Conexões: saúde coletiva e políticas da subjetividade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009, pp. 23-41.

CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B; STAKER, H. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva?** Uma introdução à teoria dos híbridos, 2013.

CILIATO, F.; SARTORI, J. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. In.: **Revista Monografias Ambientais**, 14, 65-78. 2015.

DAVID, B.; BRAVO, E. Filme In a Heartbeat. In.: **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=il4Qi8swDe8>. Acesso em 21 jul. 2021.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e Meio Ambiente: Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente – **Programa Conheça a Educação do Cibec/Inep** – MEC/SEF/COEA, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&Z, 2003.

IKAWA, Daniela. Direito e ações afirmativas: princípio da dignidade e concepção de ser humano. In.: JUBILUT, Liliana; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de (Coords.). **Direito à diferença: aspectos institucionais e instrumentais de proteção às minorias e aos grupos vulneráveis**. São Paulo: Saraiva, 2013.

LACERDA, Tiago Eurico de; GRECO JUNIOR, Raul. A importância das metodologias ativas para o Ensino de Filosofia durante a pandemia. In.: **Educação remota em tempos de pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação**. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

LONGARAY, D. A. A importância da escola no combate ao preconceito. **Rev. Diversidade e Educação**, v.2, n.4, p. 14-19, jul./dez. 2014.

LOURO, G. L. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. In.: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MARCONDES, D. **Textos Básicos de Ética: De Platão à Foucault**. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 143 p. 2007.

MENIN, M. S. De S. Universidade do Estado de São Paulo – Presidente Prudente. In.: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002

MEYER, D. E. E. Gênero e educação: teoria e política. In.: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

MEYER, D. E. E.; FÉLIX, J.; VASCONCELOS, M. F. F. Por uma educação que se movimenta como maré e inunde os cotidianos de serviços de saúde. In.: **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, vol. 17, núm. 47, out-dez, 2013, p. 859-871.

MOEHLECKE, S. As políticas de diversidade na educação no governo Lula. In.: **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 39, p. 461-487, 2009.

PEREIRA, P. P. G. A teoria queer e a reinvenção do corpo. In.: **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, p. 469-477, jul./dez. 2006.

PIAGET, J. Os procedimentos de educação moral. In.: MACEDO, L. (Org.) **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ROLNIK, S. Tristes gêneros. In: D. LINS (org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 63-68.

SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STEINERT, M. É. P.; HARDOIM, E. L. Rotação por Estações na escola pública: limites e possibilidades em uma aula de Biologia. In.: **Ensino em Foco**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 11-24, abr. 2019. ISSN 2595-0479. Disponível em: [https://publicacoes.ifba.edu.br/index.php/ensinoemfoco\(a\)rticle/view/548](https://publicacoes.ifba.edu.br/index.php/ensinoemfoco(a)rticle/view/548). Acesso em: 11 ago. 2021.

TAYLOR, Ch. **The Ethic of Authenticity**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

VACILOTTO, A. C. V. A Ética e o Ensino da Ética na Educação Superior: concepções dominantes, matrizes curriculares hegemônicas e contradições teórico-práticas. **Revista De Educação Da Unina**, 1(1). 2020.

VASCONCELOS, M. de F. F. de; FÉLIX, J. Gênero, sexualidade e direitos humanos na educação escolar: entre igualdades e diversidades, a diferença. In.: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 255-272, Jan.(a)br. 2016.

VIANA JUNIOR, João da Conceição; LACERDA, Tiago Eurico de; TEDESCO, Anderson Luiz. A autonomia em Paulo Freire como perspectiva de uma educação humanizada. In.: **Paulo Freire 100 anos: o centenário de um pensamento intempestivo**. Curitiba-PR: Bagai, 2020.